

DA INCLUSÃO À ACEITAÇÃO

Ândersom Sousa Ribeiro

andersom-sousa@live.com

Francisco dos Santos

fsescultor@gmail.com

Universidade Regional do Cariri-URCA

Embora se fale muito em inclusão, percebemos que esta temática ainda é muito difícil de ser entendida pela sociedade, a aceitação de pessoas portadoras de deficiência em todos os níveis sociais e ou culturais tem se tornado cada dia mais complexo. O papel da família frente a esse processo de inclusão escolar e social é de extrema importância. Porém, como entender a necessidade dessas pessoas? Como contribuir para seu desenvolvimento pessoal e para uma verdadeira inclusão? Isso foi um assunto que sempre me inquietou porém, algo me deixou muito contente, quando fui convidado para participar de um projeto de extensão “*Mapeando às Cegas*”: *Cartografia para e por Deficientes Visuais do Ensino Médio da Região do Cariri*, desenvolvido na Universidade Regional do Cariri - URCA, como aluno/bolsista da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX. Trata-se de um projeto em parceria entre três departamentos da URCA, Artes Visuais, Geociência e Letras, no qual está sendo feito um levantamento dos deficientes visuais da região do Cariri, regularmente matriculados no Ensino Médio. Juntos, estudantes, bolsistas e pesquisadores, descobriremos formas, diferentes métodos, matérias e suportes diversos para a construção dos “mapas táteis”, que serão produzidos com os DV’s. Objetivando assim, o melhorar da aprendizagem dos estudantes, contribuindo para a formação e comunicação com o mundo. Percebemos que há alguns problemas enfrentados por esses alunos em sala de aula. Um aluno não vidente nunca saberá como é um retângulo se você não explicar e não colocar para ele tatear, por outro lado, para outros que nasceram e tiveram oportunidade de ver e depois perderam a visão é mais fácil identificar como é o objeto, baseando-se nessa pesquisa resolvi também falar de uma experiência na minha própria família. O projeto me provocou muitíssimo e me fez revisitar coisas da minha infância, que hoje ainda me são muito presentes. Passei parte de minha vida em contato direto com deficientes visuais, tenho três tias que devido a problemas de saúde perderam a visão. Por varias vezes, tentei me colocar no lugar delas, imaginei como seria está em um mundo onde não pudesse ver nada, tudo passaria a ser percebido através dos outros sentidos, olfato, tato e paladar, agora em um lugar desconhecido, arriscando-me. Pensava está em um quarto escuro, sem ninguém para me ajudar, então me pergunto estaria apto a isto? Não tenho resposta para essa pergunta. Será que podemos respondê-la? Outro fator, levantado pelo projeto “*Mapeando às Cegas*”: *Cartografia para e por Deficientes Visuais do Ensino Médio da Região do Cariri*, é a própria aceitação, a deficiência às vezes torna o caminhar do

deficiente visual tão difícil que os faz pensar, o porquê nascer assim, nesse caso a deficiência não é visual, mas sim psicológica, pois o indivíduo não aceita sua condição, por conseguinte não permitir adaptar-se a essa realidade para poder incluir-se. A maioria dos casos da não aceitação é em ambientes escolares, onde um jovem com deficiência visual dificilmente usará uma bengala como suporte guia, por ter medo de outros estudantes cometerem Bullying. Vivemos em uma sociedade onde a cada dia a aparência é mais valorizada que qualquer outro atributo. Sabemos o quanto os jovens estão vaidosos a cada dia, e a vaidade muitas vezes falará mais alto e será um processo longínquo para aceitar-se como um portador de deficiência. Para muitos DV's, o processo de aceitação de sua condição é a pior fase, para as minhas tias, foi ainda pior, pois, quando elas perderam a visão só pensavam em como seria ruim a vida delas, depois disso só restou adaptar-se a um mundo completamente diferente, em dado momento perguntei a elas o que gostariam de ver se voltassem a enxergar? Elas disseram que o nascer e entardecer do dia. Hoje, elas se adaptaram e criaram um mapa mental muito interessante de se observar, a casa é cheia de obstáculos, mas elas já sabem onde se encontra cada um. Essas observações me angustiam muito, pois elas não tiveram oportunidades de estudos. Naquela época não havia uma idéia de inclusão, se hoje os deficientes ainda sofrem com o preconceito e falta de estrutura para um ensino de qualidade, imagine naquela época. Contudo creio que com a construção dos “Mapas táteis” para e por deficientes visuais melhorará muito o desenvolvimento. Como estudante de Artes Visuais, conhecendo o ponto, a linha, a forma, direção, e principalmente a textura, me dedicarei a pesquisa de materiais adequados, para a confecção dos mapas táteis. Isso faz lembrar o que diz Fayga Ostrower “Criar corresponde a um formar, um dar forma a alguma coisa. Sejam quais forem os modos e os meios, ao se criar algo, sempre se o ordena e se o configura.” (OSTROWER; 2010) Tudo isso me faz pensar que assim eu posso me construir como um ser humano capaz de ajudar os outros e contribuir na formação de outro ser humano. Em um desses encontros semanais do grupo de pesquisa fizemos entrevistas com alguns deficientes visuais, um deles falou que sonha em cursar Direito, agora esses sonhos passam também a ser nosso, pois o que podemos fazer no intuito de contribuir para a formação dessas pessoas, o faremos. Embora a pesquisa esteja mais direcionada a geografia, temos contribuído muito no processo de aprendizagem com um todo, pois, a cada palestra e encontro em escolas percebemos que há uma maior conscientização dos professores dos alunos videntes e dos portadores de deficiência visual.

Palavras Chave: Mapas táteis, Deficientes visuais, inclusão.